

OS SIGNOS DE DELEUZE E O APRENDIZADO.

ORTOLAN, Saragoça Rafael
Rafael_ortolan@hotmail.com

Palavras-chaves: signos, aprendizado, filosofia.

Neste trabalho, apresento as considerações delezianas acerca dos sentidos que o conceito de signo ganha em sua filosofia, bem como a tipologia dos signos que ele estabelece: os signos mundanos, os materiais, os amorosos e os artísticos.

Deste conceito e tipologia decorre uma concepção de aprendizagem, pois, para Deleuze, o aprender diz respeito essencialmente aos signos, a sua decifração e interpretação, uma vez que o aprender implica em, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Consideramos que tal concepção de aprendizagem abre a possibilidade para a produção de modos de ensinar a partir da emissão de signos, daí, compreendermos que um professor tem como tarefa “ensignar”, a fim de promover o aprendizado da leitura prazerosa que impele ao desejo de escrever.

Para o entendimento deste tenho recorrido à leitura que Deleuze faz da obra de Marcel Proust *Em busca do tempo perdido*, a qual, para o filósofo, expressa o processo de aprendizado de um homem de letras, na medida em que se apresenta como a exploração dos diferentes mundos de signos, organizados em círculos que se cruzam em certos pontos. Com essa interpretação, Deleuze elabora uma tipologia de signos; cada tipo, segundo o filósofo, constitui um mundo.

Antes da apresentação de cada tipo de signo, apresentamos o que se pode entender por signo: podemos pensar que o mundo é composto por coisas, e essas coisas recobrem tudo que existe, ou seja, tudo que existe é uma coisa, inclusive as pessoas. As coisas possuem valor para nós, nossa vida torna as coisas valiosas na medida em que têm valor se uso para nós. Exemplo disso pode estar naquilo que usei para digitar este texto, o computador ou o caderno para rascunhar as ideias ou até mesmo o exemplo do volume I de *Em Busca do Tempo Perdido* de Marcel Proust, quando o protagonista toma uma xícara de chá, juntamente com uma *madeleine*. Fazendo esse “exercício” eu estou transformando tudo em valor de uso, ou seja, ao usar algo para me servir carrego comigo o seu valor de

uso. Este valor, contudo, se perderá no momento em que essas coisas deixarem de ser apenas algo usual e passarem a me afetar, na medida em que remeterem a lembranças de algo. O exemplo clássico de Proust pode funcionar para a compreensão disso: numa tarde chuvosa o herói em sua casa aceita tomar uma xícara de chá, então dissolve a *madeleine* numa colher desse chá e a leva à boca. Nesse momento, como efeito do experimento, surge no herói o sentimento de uma intensa alegria que não é possível de ser explicada simplesmente pelo sabor da *madeleine*. Nesta ocasião o biscoito deixa de ser apenas um biscoito, deixa de ser apenas um objeto, uma coisa com valor de uso e passa a ser um signo, na medida em que ele evoca, remete a outras coisas na pessoa afetada. Em poucas palavras, um signo é uma coisa que evoca outra coisa para alguém, pode ser uma coisa concreta, um objeto, uma expressão do rosto, mas pode ser também algo abstrato, uma ideia, por exemplo, que evoca algo para alguém. Nesta perspectiva, quando uma coisa remete outra a alguém, este entra em um movimento interpretativo que produzirá a aprendizagem. Para Deleuze, passamos a vida interpretando os signos que nos interpelam e evocam outras coisas para nós. Dessa interpretação, decorre a aprendizagem de qualquer pessoa.

Para desenvolver e problematizar sua perspectiva de aprendizagem, Deleuze elabora uma tipologia dos signos; cada tipo, segundo o filósofo, constitui um mundo. O primeiro deles é o da mundanidade, nele o signo surge como o substituto de uma ação ou de um pensamento. O signo mundano não remete a nenhuma outra coisa, significação transcendente ou conteúdo ideal, ele usurpou o suposto valor de seu sentido. Assim, a mundanidade, do ponto de vista das ações, é decepcionante e cruel e, do ponto de vista do pensamento, é estúpida. Apesar do seu aspecto estereotipado e da sua vacuidade não se pode concluir, segundo o autor, que esses sejam signos desprezíveis. Pelo contrário, se o aprendiz não passasse por eles, o aprendizado seria imperfeito e até mesmo impossível, sendo então esse “jogo” necessário. Dele qualquer um de nós é jogador e, neste jogo, nos destacaremos se soubermos interpretar tais signos, para tanto é preciso estar todo o tempo em tensão a fim de conseguirmos fazermos-nos presentes na mundaneidade, a fim de nos tornarmos capazes de interpretar as expressões emitidas pelas faces e gestos das pessoas que nos rodeiam.

Já o segundo círculo que constitui outro mundo, é o do amor. Para Deleuze, apaixonar-se é individualizar alguém pelos signos que traz consigo ou emite. É tornar-se sensível e apreender esses signos. Nesse sentido, “o pluralismo do amor não diz respeito

apenas à multiplicidade dos seres amados, mas também à multiplicidade das almas ou dos mundos contidos em cada um deles. Amar é procurar *explicar, desenvolver* esses mundos desconhecidos que permanecem envolvidos no amado” (Deleuze, 2006, p.7). Acreditamos que é possível usar este tipo de signo também na escola, na medida em que ele contém uma variedade de mundos desconhecidos a serem desvendados, no entanto, no processo de aprendizado na escola este amor não, necessariamente, está relacionado com alguém, mas com a própria matéria a ser aprendida, a qual precisa tocar no aprendiz, primeiro, a sensibilidade, para atingir as demais faculdades. Não há, contudo, um modo único, sequer explícito, dado previamente, que toque o aprendiz, nas palavras de Deleuze, “nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender, que amores tornam alguém bom em latim”, contudo, sabemos, por meio de nossos aprendizados, bem como por Proust e Deleuze, que para aprender é preciso encontrar-se com signos que nos tirem a paz, tal quando alguém apaixona-se, quando há o encontro com “a coisa amada”.

O terceiro mundo, segundo Deleuze, é o dos signos sensíveis, das impressões ou das qualidades sensíveis. Para ele, uma qualidade sensível é aquela que proporciona uma estranha alegria e ao mesmo tempo transmite uma espécie de necessidade imprescindível. Uma vez experimentada, a qualidade não aparece mais como uma propriedade do objeto que a possui no momento, mas como o signo de um objeto completamente diferente, que devemos tentar decifrar através de um esforço sempre sujeito ao fracasso. Aqui enquadra-se a experiência do protagonista de *Em busca do tempo perdido* com a xícara de chá e a *madeleine*. Da experiência sensível degustativa, do encontro do paladar com o chá e o biscoito, emergiram a cidade onde outrora o herói viveu, suas gentes e lugares, mas nessas lembranças ele não encontrou a razão para a alegria que sentira, algo faltava naqueles signos sensíveis. Por essa razão Deleuze comprehende que mesmo bem interpretadas, as qualidades sensíveis ou as impressões não são em si mesmas signos suficientes. Ainda assim, são signos verídicos, que provocam uma sensação de alegria incomum e, para o autor, são signos plenos, afirmativos e alegres.

Como se pode perceber, os três tipos de signos, os mundanos, os amorosos e os sensíveis são materiais, por sua materialidade eles não são suficientes para expressar o que se passa no espírito, ainda assim, são imprescindíveis para despertar em nós uma força adormecida, o pensamento. Há, para Deleuze e Proust, apenas um tipo de signo que se caracteriza como espiritual. Este tipo constitui o quarto mundo que é o artístico; os signos artísticos são espirituais porque, para Deleuze, encontram seus sentidos numa essência

ideal. Os signos da arte mostram que a busca não tem que ser feita no contato com a matéria, nem com as reminiscências que tais matérias remetem, mas no contato direto com o si mesmo, nas palavras de Proust: “O único modo de apreciá-las melhor, seria tentar conhecê-las mais completamente lá onde se achavam em mim mesmo, torná-las claras até suas profundezas” (Proust, 2006, p. 128). Ainda que os signos artísticos brotem de uma matéria, tal como de um livro, de uma escultura, de um instrumento musical, ela, a matéria, não passa de uma imagem espacial do signo artístico. Trata-se, pois, de uma matéria diferenciada, por refratar um mundo original: ela é espiritual. Os signos artísticos não precisam ser explicados, como os demais signos: “signo e sentido formam uma unidade totalmente imaterial, a essência ou a Ideia” (Cf. Heuser, 2010, p. 125).

O diferencial no pensamento deleuziano, inspirado em Proust, se dá principalmente no fato de que para ele a busca da verdade não ocorre naturalmente, ou seja, ninguém busca a verdade por espontaneidade, ou por boa vontade, mas porque algo o força a buscá-la; este algo é, para Deleuze, sempre um signo que violenta o pensamento e o põe a criar, em suas palavras: “Há sempre a violência de um signo que nos força a procurar, que nos rouba a paz” (2006, p.23). Não se sabe, contudo, quais os signos que nos roubarão a paz, isto porque não se sabe de antemão, como alguém aprende. Sabe-se, porém, que são necessários elementos exteriores que provoquem o aprendizado

Referências

- CORAZZA, S., RODRIGUES, C., HEUSER, E., MONTEIRO, S. (2013). Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida p.1-48. In. *Caderno de Notas 7* (Coleção Escrileituras). No prelo.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____. *Proust e os signos*. 2. Ed. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- HEUSER, Ester Maria Dreher. *Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino de filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.
- HEUSER, Ester Maria Dreher. Estudos em torno da busca de um começo para pensar: do poderoso Eu ao “impoder” essencial do pensamento. In.: MONTEIRO, Silas Borges (Org) *Caderno de notas II: rastros de escrileituras*. Canela:UFRGS, 2011.
- PROUST, M. *Em Busca do Tempo Perdido*. (2^a ed). Rio de Janeiro: Ediouro (2005).